

ANAIS DO  
V SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES  
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo PROF. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

**PORTOS, ROTAS E  
COMÉRCIO**

VOLUME II

XXXV  
Coleção da *Revista de História*  
sob a direção do Professor  
E. Simões de Paula.



São Paulo — Brasil  
1971

## DETERIORAÇÃO DE PREÇOS DE INTERCÂMBIO: ENTRAVE AO DESENVOLVIMENTO (\*).

ROBERTO CARVALHO MATTOS  
da Universidade Federal de Minas Gerais.

O processo de deterioração de preços de intercâmbio pode verificar-se tanto interna quanto externamente. Com relação ao mercado externo, traduz o fenômeno de deterioração das relações de troca, que determina uma redução significativa na renda das exportações. Na maioria dos casos, o aumento do volume exportado não consegue equilibrar a redução dos preços de intercâmbio.

A deterioração externa dos preços de intercâmbio de matérias primas e bens primários é reflexo do descompasso provocado pelo aumento interno de produtividade maior do que o crescimento da demanda externa. Em outros termos, o fenômeno é proveniente da reduzida renda e elevada produção do setor primário.

A origem do processo pode, portanto, ser encontrada na redução relativa do crescimento da demanda mundial de bens primários e matérias primas em comparação com o gradual aumento da procura de maquinofaturados.

A estrutura do comércio internacional, favorecendo o desenvolvimento do fenômeno, permitiu que, na conjuntura atual, o mesmo se apresentasse com tendência à aceleração progressiva. Em último tal que elimina os efeitos das medidas tomadas no sentido de equilibrar a redução.

No momento, para os países em desenvolvimento que atingiram o nível máximo de substituição de importações (1) e passam para o

(\*) . — Conferência pronunciada no dia 2 de setembro de 1969 (Nota da Redação).

(1) . — Recente publicação da ONU — *Política Dinâmica e Desenvolvimento para a América Latina*. Rio de Janeiro, 1968 — assinala que "é um fato que o estágio das substituições fáceis já passou. Houve tempo em que era relativamente fácil substituir produção interna por importações de itens industriais de consumo corrente e alguns artigos de consumo durável e bens de capital, ao passo que agora existe uma margem muito pequena para isso na maior parte da América Latina. Estamos agora nos transferindo para o estágio de substituição de artigos intermediários, ou bens duráveis de consumo e de capital, os quais, além de serem difíceis de fabricar, exigem um mercado muito mais amplo do que os que se apresentaram nos países latino-americanos.

estágio de inflação estrutural, tudo indica que os termos de intercâmbio devem prevalecer nos próximos vinte anos, já que não existe possibilidade, em termos globais, de uma dosificação na oferta desses produtos ou perspectivas para aumento considerável da produtividade do setor. As disparidades na demanda internacional geram uma série de problemas para os países subdesenvolvidos, determinando entraves ao desenvolvimento econômico.

\*

### AMÉRICA LATINA.

Para os países da América Latina, a tendência divergente da demanda não apresenta sinais de redução, embora medidas paliativas tenham sido tomadas neste sentido. Pelo contrário, pode-se constatar que houve uma aceleração do processo através de duas linhas pertencentes a espaços econômicos integrados, que preferem incerto ponto determinada pelo aumento da oferta de produtos primários considerados globalmente. A segunda em virtude de progressivas substituições das importações dos países industrializados, pertencentes a espaços econômicos integrados, que preferem importar de países associados, como no caso do Mercado Comum Europeu.

O volume das exportações de matérias prima e bens primários dos países Latino-Americanos vem aumentando consideravelmente nos últimos decênios. Verifica-se concomitantemente que o valor real dessas exportações vem diminuindo rapidamente. Essas diminuições não constituem, como dissemos, fato novo no comércio internacional, uma vez que as relações de troca entre bens primários e matérias primas de um lado e produtos manufaturados de outro tendem, secularmente, à deterioração.

Conforme dados publicados no *Estudo Económico de América Latina* (ONU 1958), os índices de preços de exportação de 1955 a 1958 de produtos primários da América Latina — exceção feita para o Petróleo, que equilibraria em parte a deterioração — reduziram-se de 100 para menos 93. A relação de preços de intercâmbio apresentou uma redução de 101 para 87 no mesmo período. Embora houvesse diminuição no valor efetivo das exportações seu volume aumentou. O aumento de volume passou de 100 em 1953 para 119 em 1958.

Em 1966 e 1967 a evolução das exportações apresentou os seguintes resultados conforme publicação da ONU, *La Economía de América Latina em 1967*:

País	Exportações	
	Milhões de dólares	
	1966	1967
Argentina	1.784.0	1.695.0
Barbados	57.2	...
Bolívia	142.0	159.3
Brasil	1.875.0	1.775.0
Colômbia	662.0	694.0
Costa Rica	165.9	178.2
Chile	987.5	1.000.0
Equador	204.8	231.5
El Salvador	209.7	214.3
Guatemala	257.9	230.4
Guiana	126.3	136.2
Haiti	42.4	42.8
Honduras	168.8	161.2
Jamaica	383.9	384.2
México	2.142.0	2.204.0
Nicaragua	170.9	171.8
Panamá	256.5	279.5
Paraguai	63.4	65.4
Perú	891.6	896.5
República Dominicana	160.4	180.0
Trindade	503.5	499.7
Uruguai	246.1	216.7
Venezuela	2.441.0	2.563.0

Verifica-se pela primeira vez, no último decênio, que o valor das exportações apresenta uma ligeira redução relativamente ao ano anterior. Como o volume de vendas aumentou o déficit pode ser explicado pela evolução desfavorável dos preços e em particular pela elevada deterioração dos preços do café (2), metais, lã e farinha de peixe. Excluindo a Venezuela o valor das exportações dos países latino-americanos apresenta uma diminuição de 2,6%.

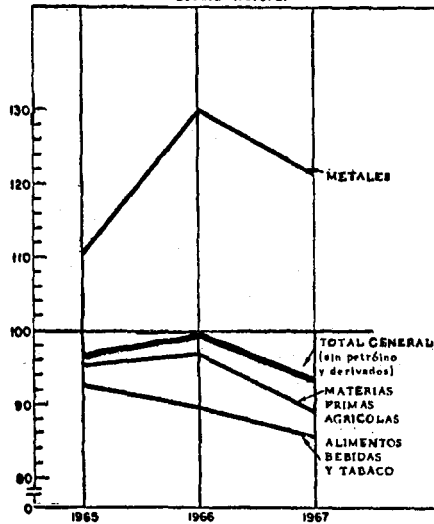
O quadro abaixo mostra a redução dos preços de bens primários de 1964 a 1967:

(2). — A queda dos preços do café demonstra em parte o mercado descompassado entre oferta e demanda que o Convênio Internacional do Café não consegue superar. A queda na participação da América Latina no mercado mundial de 73% em 1963 para 64% em 1966 foi motivada, até certo ponto, pela crescente produção de Café Robusta Africano vendido a preços menores.

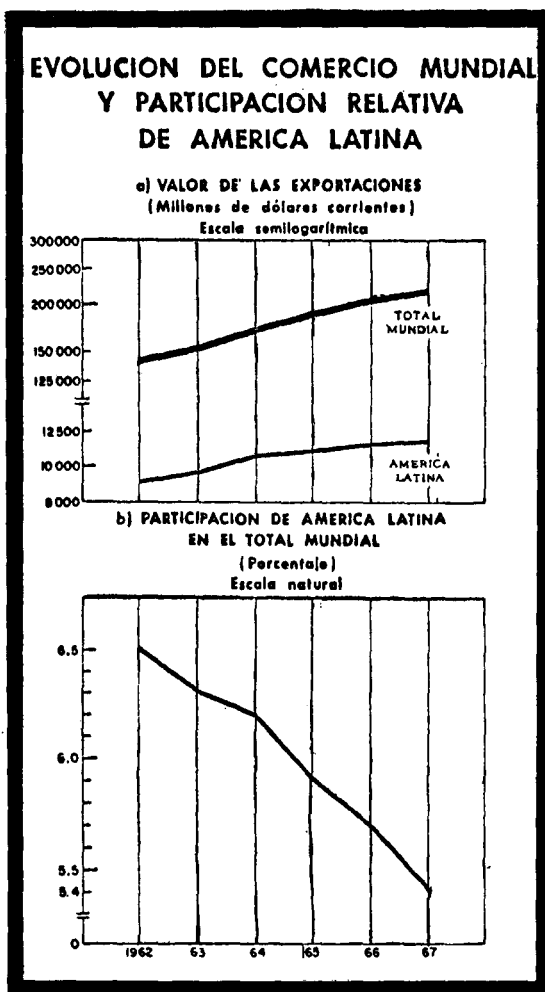
### AMERICA LATINA : PRECIOS DE LOS PRINCIPALES PRODUCTOS DE EXPORTACION

(Índices : 1964 = 100)

Escala natural



A participação relativa da América Latina com relação ao valor das exportações e ao total mundial foi a seguinte:



Do exposto, podemos concluir que a América Latina no momento apresenta os tradicionais obstáculos estruturais e institucionais, que traduzem uma incapacidade dinâmica para o desenvolvimento. Até certo ponto, essa incapacidade é reflexo da rigidez das relações comerciais e financeiras com o exterior. Melhor dizendo, a deterioração de preços de intercâmbio constitui sério obstáculo ao desenvolvimento econômico da região.

\*

**BRASIL.**

No caso brasileiro a situação apresenta características específicas. Tradicional exportador de matérias primas e bens primários de procura pouco elástica, o país, atualmente, para alcançar a mesma receita em dólares, deve exportar uma quantidade quase três vezes maior. O mesmo não aconteceu com os produtos manufaturados importados que apresentam estabilidade de preços e tendência à valorização. Essa têm sido a característica dominante da economia externa do Brasil. No intercâmbio comercial com os países industrializados as vantagens são, geralmente, unilaterais. O quadro seguinte demonstra a deterioração nos últimos dez anos até 1966:

	<i>receitas em US</i>	<i>ton. exportada</i>
1957	1.381.082.000	7.710.093
1966	1.716.954.000	19.784.803

Verifica-se portanto que exportamos no período mais dois têrços de mercadorias, enquanto que a receita em dólares aumentou tão somente 24% (3).

As exportações de manufaturados, nos últimos dez anos, foram as seguintes:

<i>Manufaturas</i>	<i>Índice de Preços</i>	<i>USA</i>
1957	100	232,44
1967	138	403,55
		aumento = 38%

Excetuadas as manufaturas, a deterioração aumenta consideravelmente:

<i>Bens Primários</i>	<i>Índice de Preços</i>	<i>US/T</i>
1957	100	178,42
1967	46,55	83,04
		redução = 53,45%

O quadro abaixo mostra a participação do Brasil no comércio mundial e confirma a deterioração:

<i>Ano</i>	<i>Exportações FOB — US\$ milhões</i>		
	<i>Brasil</i>	<i>Mundo livre</i>	<i>% do Brasil</i>
1948	1.180	53.700	2,19
1949	1.096	54.500	2,01
1950	1.355	56.100	2,41
1951	1.769	76.100	2,32
1952	1.418	73.400	1,93

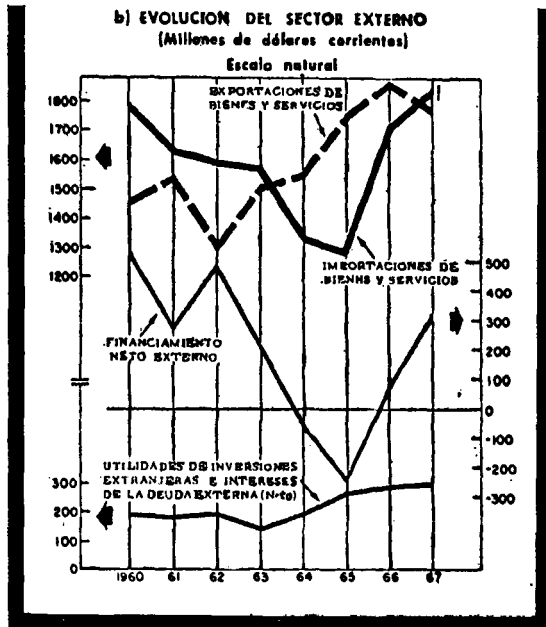
(3) . — Vide Guimarães (Petrônio de Medeiros), *Um Banco de Exportação para o Brasil*. in "Revista Comércio e Mercados" nº2, agosto, 1968.

1953	1.539	74.300	2,07
1954	1.561	77.100	2,02
1955	1.423	84.000	1,69
1956	1.481	93.300	1,58
1957	1.391	100.100	1,39
1958	1.242	95.400	1,30
1959	1.281	101.300	1,26
1960	1.268	113.200	1,12
1961	1.402	118.500	1,18
1962	1.214	124.300	1,03
1963	1.406	136.000	1,03
1964	1.429	152.500	0,93
1965	1.595	165.400	0,96
1966	1.741	181.400	0,95
1967	1.654	190.500	0,86
1968	1.800	200.000	0,90

Fonte: Cacex e FMI.

Quanto à evolução do sector externo, verifica-se, pelo quadro abaixo, que o volume de transações correntes com o exterior se reduziu nos anos de 1966 e 1967, apresentando déficits de 70 milhões e 310 milhões de dólares, respectivamente. A queda no ano de 1967 foi devida à redução de 6,4% das exportações e a um aumento de 7,4% das importações. As exportações que se expandiram em 1965 e 1966 voltaram a reduzir-se em 1967:

### BRASIL: 1960/67



Em 1968 atingimos simultâneamente o maior volume de exportação e importação:

	US\$ 1.000,000		
	1968	1967	<i>Variações</i>
Exportações (FOB)	1.880	1654	+ 12%
Importações (CIF)	2.000	1667	+ 19,9%
Déficit	— 120	— 13	

O aumento das exportações foi, todavia, anulado pelas importações, contrariando o Programa Estratégico de Desenvolvimento que apresentou uma projeção de nossa balança comercial com os seguintes resultados superavitários:

	1968	1969	1970
Exportações (FOB)	1.735	1.830,5	1.940,3
Importações (FOB)	1.578	1.715,2	1.849,3
<i>SALDO</i>	+ 156,8	+ 115,3	+ 91,3

Com base nas estatísticas de 1968, pode-se afirmar que o volume previsto não correspondeu à realidade e que somente uma política realística poderá reduzir os efeitos da deterioração no mercado exportador.

Do exposto, podemos concluir que o Brasil, no momento, apresenta os tradicionais obstáculos estruturais e institucionais, que traduzem uma incapacidade dinâmica para o desenvolvimento. Até certo ponto, essa incapacidade é reflexo da rigidez das relações comerciais e financeiras com o exterior. Melhor dizendo, a deterioração de preços de intercâmbio constitui sério obstáculo ao desenvolvimento econômico do país.